

Dossiê

Pandemia de Covid-19: um choque exógeno no ciclo eleitoral de 2022

DOI: <https://doi.org/10.14244/agenda.2024.2.2>



Rafaella Lopes Martins Jaeger

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Bolsista Nota 10 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

E-mail: rafaellalmjaeger@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7186-9219>



Davi Athaydes Leite

Graduando em Administração Pública na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Bolsista Nota 10 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. Pesquisador de iniciação científica no Laboratório de Estudo da Sociedade Civil e do Estado (LESCE).

E-mail: daviathaydes1@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4508-5306>



Vitor de Moraes Peixoto

Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Professor associado da Universidade Estadual Norte Fluminense (UENF) e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política e tesoureiro da Associação Latina-Americana de Ciência Política (ALACIP).

E-mail: vpeixoto@pq.uenf.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6618-3311>

RESUMO: Bolsonaro recorreu ao argumento econômico para minimizar os efeitos da pandemia. Contudo, dois anos depois, com baixa popularidade e às vésperas do segundo turno, o ex-presidente admitiu arrependimento. Diante da perda de apoio e do peso do desempenho econômico sobre suas chances de reeleição, este estudo analisa como a Covid-19 impactou o apoio a Bolsonaro nas eleições de 2022. O material empírico é o ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro), com foco em três variáveis: avaliação de governo, da economia e da pandemia. Desenvolve-se uma tipologia que combina as avaliações da economia e do combate à pandemia, para inferir seus efeitos sobre a avaliação de governo e o voto no segundo turno. Os resultados indicam que a percepção da crise sanitária foi mais determinante que a econômica, influenciando negativamente tanto a avaliação do governo quanto a decisão do eleitor em não votar no ex-capitão.

PALAVRAS-CHAVE: Eleição 2022; Pandemia da Covid-19; Avaliação de governo.

Recebido em: 12/01/2024

Aprovado em: 09/10/2025



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

1 Introdução

Com a justificativa de que “a economia não poderia parar”¹, Jair Messias Bolsonaro (PP)² se blindou – ainda que injustificavelmente – quanto a ações e falas³ que minimizavam os efeitos da crise pandêmica. Foram necessários mais de dois anos de enfrentamento da Covid-19 para que o ex-presidente, em entrevista para seis canais do youtube, revelasse ter se arrependido. O episódio aconteceu no dia 12 de setembro de 2022, dias antes do segundo turno das eleições presidenciais que disputava com o, até então, ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT)⁴. Em suas palavras, Bolsonaro chegou a dizer que “deu uma alopada” e que “perdeu a linha”⁵.

O problema é que essa autocrítica parece ter chegado tarde demais. Isso porque o contexto em que se insere esse arrependimento é acompanhado de seus baixos índices de popularidade⁶ e um risco iminente de perder a reeleição para Lula. Tal mudança sugere uma relação direta com o seu propósito eleitoral.

A literatura sobre comportamento eleitoral indica que as avaliações de governo e da economia constituem fatores estruturantes nas eleições, uma vez que influenciam de forma recorrente diferentes pleitos. De modo geral, os estudos apontam que a avaliação de governo é a variável que melhor explica a variação no percentual de votos (Borba; Cervi, 2017). De maneira mais específica, a teoria econômica do voto ressalta a importância da percepção sobre a economia na decisão eleitoral e na avaliação de presidentes (Strom; Lipset, 1984; Powell; Whitten, 1993).

Contudo, como um fator exógeno pode influenciar essas medidas? O presente estudo busca dar luz a essa questão, ao observar como a Covid-19 (fator exógeno) impactou em fatores estruturais (avaliação de governo) na eleição de 2022. A hipótese é de que a gestão da crise de Covid-19 foi mais determinante para o voto no ex-presidente do que o desempenho econômico.

Com essa finalidade, o estudo utilizou o material empírico do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) – rodada de 2022. Inicialmente, realizou-se uma análise descritiva das variáveis de interesse, a saber: avaliação de governo, avaliação da economia e avaliação da pandemia. Em seguida, elaborou-se

¹ Fala do ex-presidente Bolsonaro em videoconferência com empresários para tratar sobre medidas de enfrentamento à pandemia e sustentabilidade da economia nacional, no dia 20 de março de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/economia-nao-pode-parar-diz-bolsonaro-ao-setor-produtivo-brasileiro>.

² Progressistas.

³ Algumas de maior repercussão: “É só uma gripezinha”, “Eu não sou coveiro”, “Brasileiro pula em esgoto e não acontece nada”, “E daí, lamento. Quer que eu faça o que?”, “Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso” e etc.

⁴ Partido dos Trabalhadores.

⁵ Em entrevista a um pool de podcast, destinado para o grupo evangélico, Jair Bolsonaro fala que se arrependeu de falas insensíveis durante a pandemia: “Dei uma alopada, eu perdi a linha. É lógico, aí eu me arrependo (...) Os caras [imprensa] batiam na tecla o tempo todo e queriam me tirar do sério”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h5i7Jz3wNX8>.

⁶ Segundo o Datafolha, no dia 1 setembro de 2022, Jair Bolsonaro tinha 42% de reprovação. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-governo-bolsonaro-tem-42-de-reprovacao-e-31-de-aprovacao.shtml>.

uma tipologia de quatro tipos de avaliadores⁷ que combina as opiniões sobre economia e pandemia, e apresentou-se sua distribuição na amostra. Na etapa seguinte, aprofunda-se a investigação sobre a percepção dos eleitores em questões eleitorais. Por fim, foram estimados dois modelos de regressão, detalhados a seguir: (i) avaliação de governo como variável dependente, com a tipologia como principal variável independente; e (ii) voto para presidente no segundo turno como desfecho, também utilizando a tipologia como preditor.

Além desta introdução, o artigo foi dividido em quatro seções. A próxima seção apresenta as literaturas referentes à i) avaliação de governo e ii) pandemia da Covid-19 no governo Bolsonaro. Em seguida são detalhados os dados e procedimentos metodológicos. Depois discute-se os resultados encontrados pela pesquisa. E por fim, a última seção apresenta as considerações finais, que sumariza os principais achados deste estudo e perspectivas para pesquisas futuras.

2 Revisão de literatura

2.1 Avaliação de governo

36

A literatura internacional discute amplamente a importância da avaliação dos eleitores sobre o governo, principalmente no que diz respeito às questões econômicas. O resultado de tais avaliações é quase consensual: avaliações positivas referentes a economia refletem em avaliações governamentais positivas, e o mesmo acontece na situação oposta (Powell; Whitten, 1993, Strom; Lipset, 1984). A maior parte desses estudos são fundamentados na teoria econômica do voto, elaborada por Downs (1957), que postula que os eleitores tomam decisões racionais com base na percepção de custos e benefícios individuais, com base principalmente no desempenho econômico do governo como critério central para reeleição ou mudança administrativa.

Já com relação à literatura nacional, estudos apontam que avaliação de governo é a variável que melhor explica a variação do percentual de votos nas eleições majoritárias (Borba; Cervi, 2017). Quanto a explicações direcionadas pela teoria econômica do voto, Pereira (2014) destaca a relevância da avaliação da economia para votar e avaliar os presidentes apenas entre os eleitores mais sofisticados.

Há ainda trabalhos como o de Carreirão (1999) que dialogam com as duas variáveis citadas, o que indica que não existe consenso sobre o tema. Para o autor, apesar de todos os trabalhos analisados por ele⁸ indicarem algum peso da avaliação do desempenho do governo sobre o voto, parte destes apresentam outros fatores. Inclusive, alguns chegam a minimizar a influência da avaliação do governo. Em suas conclusões, Carreirão (1999) afirma ser possível dizer que boa parte do eleitorado brasileiro vota almejando melhorias econômicas para si e para o país.

⁷ Tipos de avaliadores: Tipo 1: Avaliação positiva da economia e da pandemia; Tipo 2: Avaliação positiva da economia e negativa da pandemia; Tipo 3: Avaliação negativa na economia e positiva da pandemia; Tipo 4: Avaliação negativa da pandemia e da economia.

⁸ São citados: Almeida (1996), Albuquerque (1995), Figueiredo (1994), Lavareda (1989), Mendes e Venturi (1994), Meneguello (1995), Kinzo (1996) e Singer (1998).

Com foco na eleição de 2014, Veiga e Ross (2016), enfraquecem as análises vinculadas a esta vertente, nomeada pela literatura como teoria econômica do voto. Os resultados encontrados pelos autores apontaram que o conhecimento de informações objetivas sobre a economia não afeta a avaliação dos eleitores, mas que as preferências políticas impactam na percepção da economia. Desta forma, em vez de as escolhas econômicas influenciarem a política, como sustenta a teoria, preferências políticas têm influenciado escolhas econômicas.

Ainda sobre a mesma eleição, Veiga Ross e Martins (2020) Veiga, testam os efeitos da corrupção e da economia na adesão ao governo da presidente Dilma Rousseff (PT) no momento pré-impeachment. Em seus achados, os autores revelam que considerar os dois temas como um dos três principais problemas do país exerce impacto na avaliação do governo. No entanto, em análise dos resultados mês a mês foi encontrado que a importância da economia como principal problema sofria uma queda, enquanto a questão da corrupção tomava mais importância. A conclusão a que se chegou é que a avaliação da economia não explicou o voto na reeleição da presidente.

Com relação aos eixos corrupção e avaliação de governo, Baptista (2018) analisou o primeiro mandato da presidenta Dilma⁹, sob a ótica das oscilações da avaliação de governo com base nas revistas Carta Capital e Veja. Seus resultados indicaram que a corrupção é uma variável de peso para analisar a avaliação de governo. Para mais, identificou-se que esta última cresce conforme a percepção dos escândalos de corrupção. Sobre este ponto, a autora destaca a contribuição da cobertura midiática para essa percepção.

Já no que tange à última eleição presidencial, Rennó (2022) expõe seus aspectos específicos e aponta ser natural que ela seja marcada pela retrospectiva e avaliação dos governos. Segundo ele, a preferência sobre temas políticos e por questões ideológicas, passa a ser mais relevante, diferenciando as preferências para além das avaliações exclusivamente econômicas. Ademais, destaca os crescentes questionamentos sobre a validade da democracia por parte dos civis e da presidência, dado já evidenciado por Avritzer e Rennó (2021) e por Chaguri e Amaral (2021), quando apresentam a relação entre o autoritarismo e o bolsonarismo.

Referente a este último termo, cabe ainda ressaltar o perfil desse eleitorado. Com esse intuito, Nicolau (2020) evidencia características como religião, gênero, escolaridade e região. Especificamente, Bolsonaro recebeu votos de 70% dos evangélicos e da maioria dos homens, independentemente do nível de escolaridade. Sobre esse último dado, o autor destaca que o candidato venceu em todos os níveis, enquanto o PT perdeu apoio entre os menos escolarizados. Além disso, ressalta que a vitória ocorreu em municípios mais populosos, sobretudo na região Sudeste. Já Haddad (PT) obteve predominância em cidades menos populosas, especialmente no Nordeste.

Neste breve panorama da literatura, nota-se que apesar de não existir amplo consenso, a avaliação de governo e da economia estão presentes na grande maioria das análises referentes ao tema. Com isso, tais variáveis foram destacadas na pesquisa como fatores estruturais da eleição, ainda que

⁹ Com foco em acontecimentos selecionados no período, a saber: 100 primeiros dias do governo Dilma; Julgamento do mensalão; Copa das Confederações; Copa do Mundo; e Eleições 2014.

possam haver outros. A partir disso, aponta-se como fator exógeno, algo que estaria fora dessa estrutura eleitoral, mas que exerceria influência sobre a mesma, no caso a Covid-19. Na subseção posterior, contextualiza-se o período marcado pela crise sanitária e como a literatura analisa esse impacto na avaliação do governo Bolsonaro.

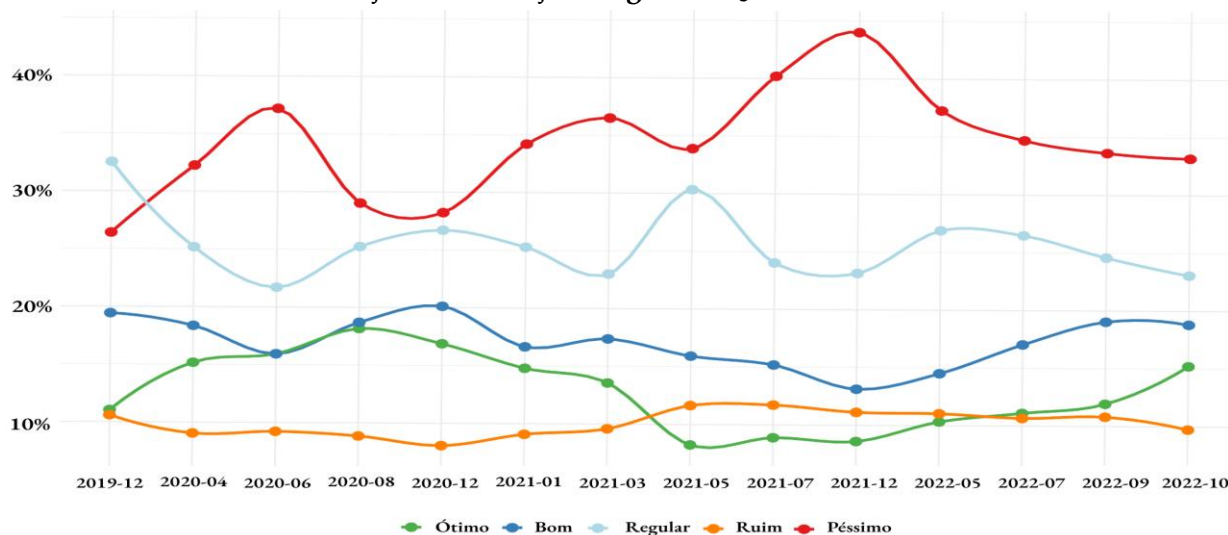
2.2 Pandemia de Covid-19 no governo Bolsonaro

De forma sinóptica, foi em 26 de fevereiro de 2020 que se registrou o primeiro caso de coronavírus no Brasil. Dias depois, em 11 de março do mesmo ano, a Organização Mundial de Saúde (OMS) caracteriza a epidemia de Covid-19 como pandemia¹⁰. E foi só no dia 17 de janeiro de 2021 que o Brasil viu a primeira aplicação da vacina contra o vírus no país pelo governo de São Paulo. Isso porque o governo federal só foi anunciar a chegada do primeiro lote, quase um mês depois, em 23 de fevereiro. Em meio a pronunciamentos negacionistas¹¹ por parte do presidente, escândalos na compra de vacinas e atrasos na vacinação¹², que a crise sanitária passou pelo governo de Jair Bolsonaro.

E qual o impacto dessas atitudes na avaliação do seu governo? Em busca de elucidar essa questão, elaborou-se o gráfico 1 com quatorze rodadas do DataFolha sobre a avaliação do governo do ex-presidente. A primeira referente a dezembro de 2019, que marca o período anterior ao início da pandemia e outras treze referentes a 2020, 2021 e 2022, sob o contexto do pós - início e decorrer da crise viral.

38

Gráfico 1 - Evolução da avaliação do governo Jair Bolsonaro 2019-2022



Fonte: Elaboração própria através de dados retirados da pesquisa DataFolha, nas rodadas de 2019 a 2022.

¹⁰ Uma pandemia é uma epidemia de doença infecciosa que se dissemina entre a população localizada numa grande região geográfica como, por exemplo, de alcance mundial.

¹¹ Em suas palavras, “é só uma gripezinha” (Jair Bolsonaro em março de 2021).

¹² Instaurada a CPI para averiguar o atraso na compra de vacinas e do calendário vacinal, relatório final acusa governo federal de atraso na compra de vacinas e de negociações ilícitas no caso Covaxin. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/10/22/relatorio-acusa-governo-federal-de-atraso-na-compra-de-vacinas-e-de-negociacoes-ilicitas-no-caso-covaxin>.

O gráfico acima revela que, entre dezembro de 2019 e maio de 2021, o índice de avaliação "Ruim" apresentou certa estabilidade, enquanto "Ótimo", "Bom" e "Regular" tiveram variações mais acentuadas. A partir de maio de 2021, houve aumento notável na percepção negativa, com crescimento nas classificações "Ruim" e "Péssimo", atingindo seu pico em dezembro de 2021. A relação dessa avaliação negativa com a crise sanitária foi demonstrada pela pesquisa Atlas Político, que em janeiro de 2021 apontou que 62% dos entrevistados desaprovavam a atuação do presidente Jair Bolsonaro no combate à Covid-19 (Agostine, 2021). Esta tendência de insatisfação se manteve até outubro de 2022, com leve declínio nas avaliações negativas. De maneira geral, foi demonstrado que o descontentamento com o governo corresponde aos momentos de ápice da crise sanitária, e conforme a normalidade se restabelece, há estabilização.

A literatura também buscou analisar a relação entre o combate à pandemia e o sucesso eleitoral. Sandes-Freitas *et al.* (2021), por exemplo, demonstram que, nas eleições municipais de 2020, capitais com prefeitos bem avaliados e com menores taxas de óbitos tenderam a eleger candidatos da situação, embora outras configurações também tenham contribuído para o sucesso eleitoral. Já em relação à campanha de vacinação iniciada nos municípios no ano seguinte, Peixoto, Leal e Marques (2023) apontam que o grau de bolsonarismo nos municípios exerceu impacto negativo sobre a cobertura vacinal no nível local. Embora tais análises se restrinjam à dimensão municipal, os achados sugerem implicações importantes de como a percepção da gestão da crise sanitária pode influenciar o comportamento eleitoral.

A esse respeito, parte da literatura trata as políticas do governo Bolsonaro como neofascistas. É o caso dos trabalhos de Matos (2021) que desenvolve as insuficiências do governo frente à pandemia da Covid-19 e como tais (in)ações têm relação com o desmonte do SUS. Além dele, Mendes, Carnut e Melo (2023) também fazem uso do termo para definição do governo. Para os autores, o desmonte da universalidade no SUS configura-se como um projeto do governo neofascista de Bolsonaro e teve sua execução garantida de forma contínua.

Outro termo utilizado para tal é o de necropolítica. Castilho e Lemos (2021) definem desta forma por compreenderem que a política do governo vem de um domínio autoritário que determina quem deve morrer e quem merece viver. Isso porque, segundo dados trazidos pelos autores, o vírus atingiu em maior quantidade pessoas negras e periféricas. Dados anteriormente expostos por Muniz, Fonseca e Pina (2020) que indicaram que o número de mortes entre pessoas negras no Brasil é cinco vezes maior.

No que diz respeito aos discursos negacionistas de Bolsonaro, Calil (2021) apontou que na intenção de atingir imunidade coletiva, o governo teve como objetivo estimular a contaminação generalizada. Com essa finalidade, minimizou a gravidade da pandemia, estimulou comportamentos contrários aos recomendados pela OMS e disseminou informações falsas. O artigo destaca os meses de março e abril como decisivos na estratégia do governo. Segundo Calil (2021, p. 47), com a justificativa de preocupação com a economia, "atribuiu a responsabilidade pela crise aos defensores do isolamento social (ainda que sua política tenha agravado a crise ao prolongar a vigência da pandemia)".

Outros autores, como Oro e Alves (2020), também destacam o uso estratégico dessa negação. Para eles, a estratégia funciona de duas maneiras: a primeira, como meio de tensionamento à medida em que mobiliza até mesmo aqueles que não concordam com as posições defendidas, sentindo-se estes obrigados a responder e a segunda, também vinculada a este tensionamento, visto que este aumenta a pressão para o fim do distanciamento social.

De acordo com Moraes e Silva (2021), um recurso muito usado nesse período pelo governo foram as *lives* semanais de Bolsonaro, que tiveram o intuito de minimizar e normalizar o contágio e as mortes ocorridas pela pandemia e isentar o governo federal da responsabilidade. Em uma observação minuciosa, os autores encontraram um padrão retórico próprio à linguagem bolsonarista. Segundo eles, a particularidade das *lives* seria que, ao invés do estado permanente de guerra que Bolsonaro se coloca ao se comunicar pela grande mídia, nas *lives* o ex-presidente pratica “o bom humor, a compreensão do interlocutor, explicações sobre medidas polêmicas, bastidores” (Morais; Silva, 2021). E é esse espaço que proporciona a formação de laços entre ele e seus seguidores. Esse discurso também alimentou a crítica ao distanciamento social e às medidas de prevenção.

Apesar de tal estratégia, Rennó, Avritzer e Carvalho (2021), ao investigar as atitudes de Bolsonaro sobre a pandemia, observaram que, sem contar a base bolsonarista, a maioria dos cidadãos discorda das posições negacionistas adotadas por ele. Em contrapartida, os dados encontrados também indicam que entre aqueles que concordam com tais atitudes, o apoio é bastante intenso. Ademais buscou-se identificar como tais posicionamentos afetam a avaliação do governo, no qual destacou-se que beneficiários de curto prazo de políticas econômicas do governo¹³ avaliam positivamente o mesmo em uma taxa quatro vezes maior do que outros brasileiros.

Por fim, autores propuseram investigar em que medida a pandemia afetou a cultura democrática brasileira. Foi o caso de Moraes e Moisés (2022), que fizeram uma análise de painel referente a três momentos distintos da crise viral e identificaram que apesar dos efeitos negativos inegáveis, é possível afirmar que a democracia permaneceu estável. Isso porque, segundo eles, as consequências relacionadas à saúde e à economia, não promoveram alteração significativa nas variáveis observadas de cultura democrática, mantendo níveis similares.

A seguir, apresenta-se os dados e procedimentos utilizados para a presente investigação.

3 Métodos

Como brevemente apontado na introdução, utiliza-se como base de dados empíricos o Estudo Eleitoral Brasileiro - ESEB, um *survey* nacional pós eleitoral realizado pelo Centro de Estudos de Opinião Pública - CESOP, desde 2002. Especificamente para essa pesquisa, seleciona-se a rodada de 2022, contemplando o ano eleitoral.

¹³ Como o caso do auxílio emergencial.

O objetivo geral do artigo é analisar de que forma a pandemia de Covid-19 impactou em fatores estruturais na eleição de 2022. Especificamente, observa-se as variáveis de avaliação de governo, avaliação da economia e avaliação da pandemia, descritas no quadro abaixo.

Quadro 1 - Disposição das variáveis de interesse

Pergunta	Possíveis respostas	Recodificação
Na sua opinião, de uma maneira geral o governo do presidente Jair Bolsonaro nos últimos 4 anos foi ótimo, bom, ruim ou péssimo?	Ótimo; bom; regular; ruim; péssimo.	Não recodificou
E como o(a) sr.(a) avalia o trabalho do presidente Jair Bolsonaro nesses 3 anos para lidar com as consequências da pandemia do covid-19? Foi ótimo, bom, ruim ou péssimo?	Ótimo; bom; ruim; péssimo.	Não recodificou
O (a) Sr. (a) Considera que a situação econômica do país está muito melhor, um pouco melhor, está igual, um pouco pior ou muito pior que nos últimos doze meses?	Muito melhor; um pouco melhor; está igual; um pouco pior ou muito pior.	Ótimo; bom; regular; ruim; péssimo.

Fonte: Elaboração própria.

41

Para mais, elabora-se três testes de independência (qui-quadrado), disponíveis no anexo 2 (tabelas 7, 8 e 9) do trabalho, com o propósito de cruzar as variáveis apresentadas acima, a saber: i) avaliação de governo com avaliação da economia; ii) avaliação de governo com avaliação da pandemia e iii) avaliação da pandemia com avaliação da economia. Esses testes tem como finalidade testar estatisticamente a associação entre duas variáveis categóricas. Ele compara as frequências observadas em categorias com as frequências esperadas, com base na hipótese nula de que não há associação.

Com este intuito, cria-se quatro tipos de avaliadores a partir da combinação de duas (avaliações da economia e avaliação da pandemia¹⁴) das três variáveis citadas, na qual as avaliações positivas agrupam os que responderam "ótimo" e "bom" (incluindo "regular" na avaliação econômica) e as negativas, "ruim" e "péssimo". A escolha é justificada pela representação de questões estruturais (endógenas) e exógenas as eleições, respectivamente, como demonstra no quadro abaixo.

¹⁴ A título de nota é destacável que a avaliação referente a pandemia exclui a resposta "regular" das possibilidades de resposta. Esta exclusão não impacta na amostra à medida em que os testes são realizados sem perdas.

Quadro 2 - Tipos de avaliadores

		Avaliação da pandemia	
		Positiva	Negativa
Avaliação da economia	Positiva	<i>Tipo 1</i>	<i>Tipo 2</i>
	Negativa	<i>Tipo 3</i>	<i>Tipo 4</i>

Fonte: Elaboração própria.

Ademais, observa-se de forma descritiva o perfil dos tipos de avaliadores apresentados acima com relação a questões eleitorais a partir da análise de quatro variáveis, separadamente, duas gerais e duas específicas da eleição de 2022. Notadamente, trata-se de confiança nas eleições, compreensão da influência do voto, voto no segundo turno do último pleito presidencial e satisfação sobre esse voto. Todas descritas conforme o questionário na tabela 3.

Por fim, analisam-se dois modelos de regressão. Especificamente selecionou-se para o primeiro como variável dependente (explicadas) a avaliação de governo e como variáveis independentes (explicativas) a tipologia elaborada. Quanto ao segundo modelo, a alteração está relacionada a variável de interesse que passa a ser o voto para presidente no segundo turno. O foco da tipologia está nos tipos 2 e 3: o primeiro marcado pela avaliação negativa da pandemia e o segundo pela avaliação negativa da economia. Caso o tipo 2 apresente efeito mais forte que o tipo 3, isso evidenciará como a percepção da crise sanitária importou mais para o eleitor do que a econômica.

Ambos os modelos com as mesmas seis variáveis de controle: sexo, idade, escolaridade, religião, região e renda familiar. As informações referentes a essas variáveis podem ser encontradas na no quadro a seguir:

Quadro 3 - Redação das variáveis de controle e de análise do perfil eleitoral da tipologia referentes ao ESEB 2022

Variável	Pergunta	Possíveis respostas	Recodificação
Sexo	Sexo	Masculino; Feminino	Não recodificou
Idade (Faixas etárias)	Idade	16 e 17; 18 a 24; 25 a 34; 35 a 44; 45 a 54; 55 a 64; 65 anos ou mais	Não recodificou
Escolaridade	Até que série o(a) Sr(a) estudou e concluiu?	Analfabeto; Primário incompleto; Primário completo; Ginásio incompleto; Ginásio completo; Ensino médio incompleto; Ensino médio completo; Ensino universitário incompleto ou especialização; Ensino universitário completo	Não recodificou
Religião	Por favor, me indique qual dessas é a sua religião. Caso não encontre nesta lista, você pode me falar	Budista; Candomblé; Católica; Espírita kardecista; espiritualista; Evangélica; Judaica; Mórmon; Adventista; Testemunha de Jeová; Santo Daime; Esotérica; Seicho-No-Ie;	

	diretamente qual religião é a sua?	Messiânica; Perfeita Liberdade; Umbanda; Outra; ateu/ Agnóstico/ Não acredita em Deus	
Região	Marcada por região de aplicação	Sul; Sudeste; Norte; Nordeste; Centro-oeste	Não recodificou
Renda familiar (Faixas)		Até R\$ 1045,00; De R\$ 1046,00; R\$ 2090,00; De R\$ 2091,00 a R\$ 3135,00; De R\$ 3136,00 a R\$ 5225,00; De R\$ 5226,00 a R\$ 10450,00; De R\$ 10451,00 a R\$ 15675,00; De R\$ 15676,00 a R\$ 20900,00, Mais de R\$ 20900,00.	Não recodificou
Confiança nas eleições	Pensando nesta eleição, em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa que a eleição foi realizada de maneira confiável e 5 significa que a eleição não foi realizada de maneira confiável, como o(a) Sr.(a) considera esta eleição?	1. As eleições foram realizadas de maneira confiável 2. 3. 4. 5. As eleições não foram realizadas de maneira confiável	Não recodificou
Compreensão da importância do voto	Algumas pessoas dizem que o nosso voto influencia muito no que acontece no Brasil, outras dizem que o nosso voto não influencia nada no que acontece no Brasil. Gostaria que o(a) Sr.(a) desse uma nota de 1 a 5, sendo que 1 significa que o nosso voto "não influencia nada no que acontece no Brasil" e 5 significa que o nosso voto "influencia muito" no que acontece no Brasil. Que nota de 1 a 5 o(a) Sr.(a) dá para representar sua opinião sobre isso?	1. Nosso voto não influencia nada no que acontece no Brasil 2. 3. 4. 5. Nosso voto influencia muito no que acontece no Brasil	Não recodificou
Satisfação com o voto na eleição de 2022	Agora, pensando nessa eleição de 2022, o(a) Sr.(a) está muito satisfeito(a), satisfeito(a), pouco satisfeito(a) ou nada satisfeito(a) com as escolhas de voto que o Sr.(a) fez para presidente?	1. Muito satisfeito(a) 2. Satisfeito(a) 3. Pouco satisfeito(a) 4. Nada satisfeito(a)	Não recodificou
Voto no segundo turno da eleição de 2022	Em quem o(a) Sr.(a) votou para presidente no segundo turno?	1. Jair Bolsonaro 2. Lula 50. Anulou o voto (espontânea - não ler) 60. Votou em branco (espontânea - não ler)	Não recodificou

Fonte: Elaboração própria.

4 Resultados e discussão: avaliação do governo Bolsonaro e avaliação da atuação do ex-presidente na pandemia

Nesta seção, serão apresentados os resultados encontrados na pesquisa em três momentos, a saber: i) dados descritivos; ii) análise dos três de qui-quadrado (independência) e iii) análise dos dois modelos de regressão descritos na seção anterior.

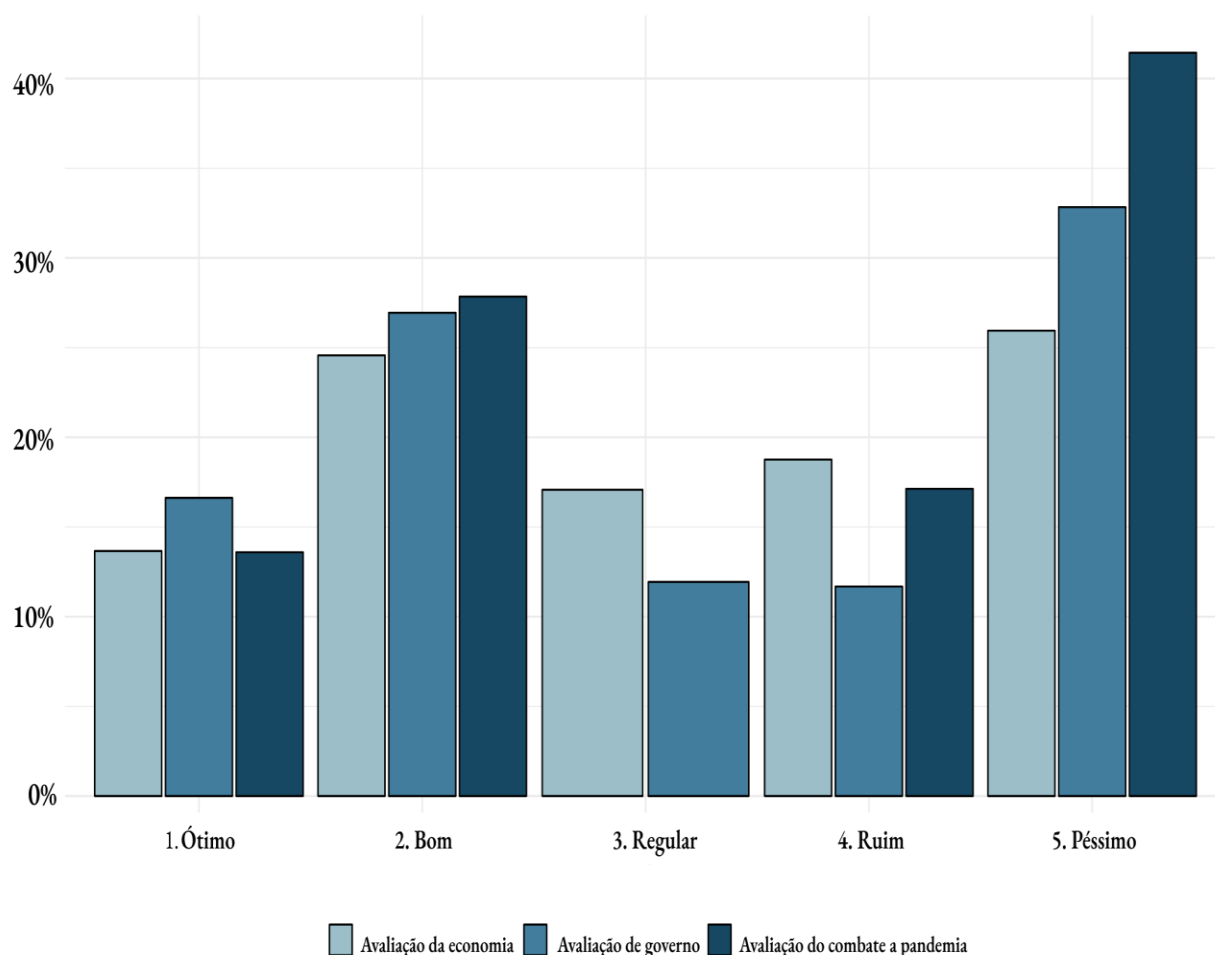
4.1 Dados descritivos

Amostra

O gráfico abaixo demonstra os dados descritivos das variáveis de interesse referente a base empírica de opinião pública utilizada no presente trabalho, a saber: avaliação do governo Bolsonaro, avaliação da economia e avaliação da atuação da pandemia.

Gráfico 2 - Descrição das variáveis de interesse: avaliação de governo, avaliação da economia e avaliação da pandemia

44

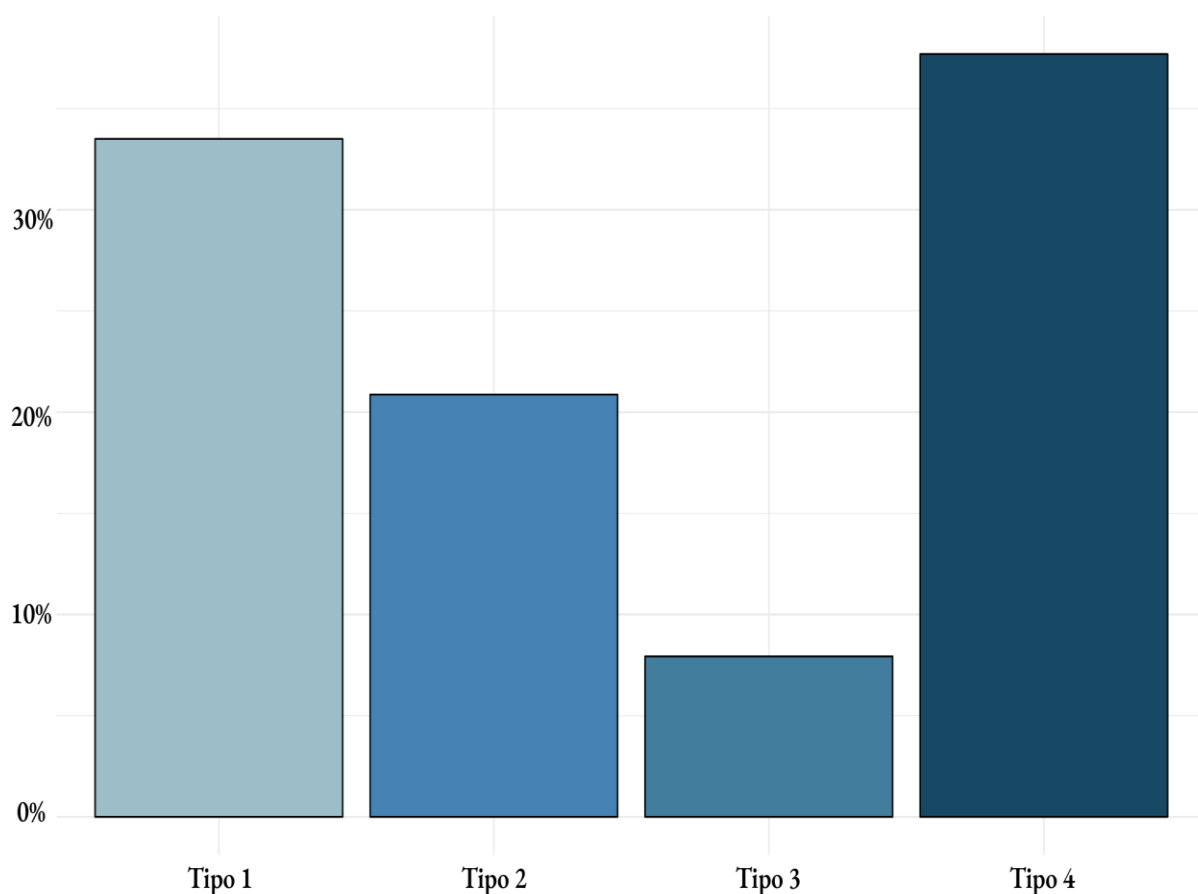


Fonte: Elaboração própria através de dados do Estudo eleitoral Brasileiro (2022).

No que diz respeito à avaliação da atuação da pandemia, a amostra revela números preponderantes da categoria “péssimo”, seguido da categoria “bom”. Especificamente, 41% dos entrevistados categorizaram sua atuação como “péssima”, 17% “ruim”, 27% “bom” e 13% “ótima”. Quanto à avaliação da economia, verificou-se o mesmo padrão, mas com maior dispersão devido à inclusão da categoria “regular”: 25% a classificaram como “péssima”, 18% como “ruim”, 24% como “regular”, 17% como “boa” e 13% como “ótima”. Os índices correspondem a 25%, 18%, 17%, 24% e 13%, do péssimo ao ótimo. A avaliação da pandemia também concentrou índices mais acentuados no polo negativo, sendo 32% “péssima” e 11% “ruim”, em contraste com 11% “regular”, 26% “boa” e 16% “ótima”. De forma geral, embora variações, os resultados evidenciam a predominância da avaliação negativa extrema (péssimo), seguido da categoria positiva regular (bom) em todas as três variáveis no ano de 2022.

Pensando em fazer uma investigação mais aprofundada de tais avaliações, testou-se a dependência entre elas e elaborou-se uma tipologia que mesclou avaliação da economia com avaliação da pandemia, fatores a serem testados com relação a avaliação de governo. Originando os quatro tipos citados na seção anterior, a amostra encontra-se demonstrada no gráfico abaixo.

Gráfico 3 - Distribuição dos tipos na amostra do ESEB 2022



Fonte: Elaboração própria através de dados do Estudo eleitoral Brasileiro (2022).

Previsivelmente trata-se de uma amostra concentrada nos tipos 1 (33%) e 4 (37%), aqueles e aquelas que apresentam a mesma percepção sobre as duas variáveis. Contudo, destaca-se o número significativo dos demais tipos. Sobretudo do tipo 2 (20%), destinado a aqueles que têm percepção positiva da economia e negativa da pandemia. Assim, considera-se necessário uma maior investigação sobre o perfil destes tipos a ser visitada a seguir.

Perfil eleitoral dos tipos de avaliadores

Com o propósito de conhecer o comportamento desses tipos de avaliadores sobre e durante as eleições, observa-se a distribuição das possibilidades de resposta com relação a questões eleitorais gerais e específicas da eleição de 2022.

Tabela 1- Tipologia de avaliadores e avaliação de governo em 2022

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Total
Tipos						
Pandemia + Economia +	275 (42%)	323 (49%)	54 (8.2%)	3 (0.5%)	7 (1.1%)	662 (100%)
Pandemia - Economia +	13 (3.2%)	77 (19%)	83 (20%)	88 (21%)	149 (36%)	410 (100%)
Pandemia + Economia -	35 (22%)	73 (47%)	33 (21%)	5 (3.2%)	10 (6.4%)	156 (100%)
Pandemia - Economia -	6 (0.8%)	56 (7.5%)	61 (8.2%)	136 (18%)	485 (65%)	744 (100%)
Total	329 (17%)	529 (27%)	231 (12%)	232 (12%)	651 (33%)	1,972 (100%)

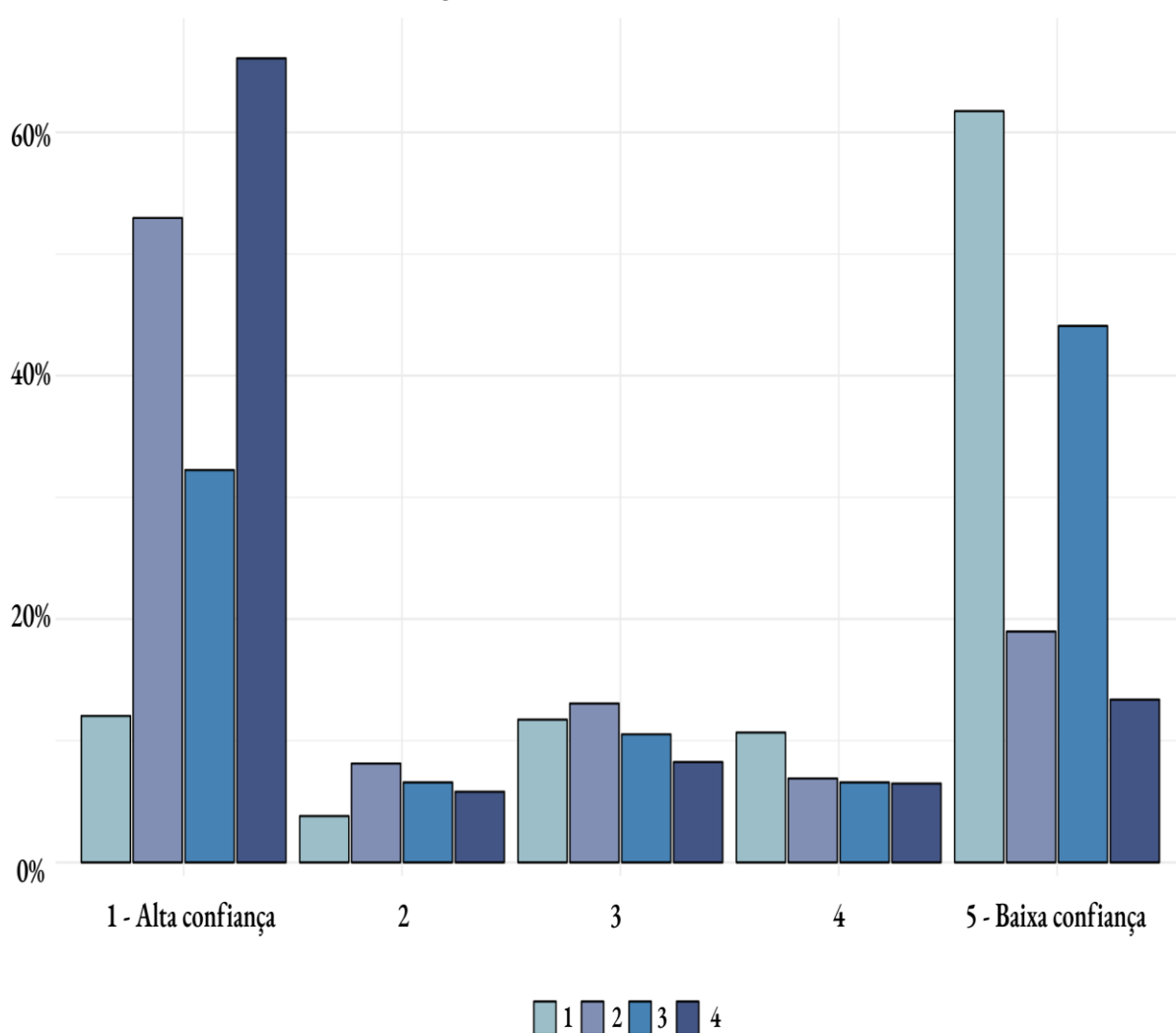
Fonte: Elaboração própria através de dados do Estudo eleitoral Brasileiro, de 2022.

A tabela 3 apresenta a distribuição da avaliação de governo em 2022 segundo as tipologias formadas pela combinação das percepções sobre a economia e a gestão da pandemia. Nota-se que entre os eleitores que avaliaram positivamente tanto a economia quanto a pandemia (tipo 1), prevalecem percepções favoráveis ao governo. Essa tendência se altera de forma significativa quando a avaliação da pandemia é negativa, mesmo que a economia seja bem avaliada (tipo 2). Nesse grupo, apenas 22%

expressam avaliações positivas (“ótimo” ou “bom”), enquanto 57% classificam o governo como “ruim” ou “péssimo”. A mudança abrupta evidencia o peso da percepção da pandemia na formação do juízo governamental.

O contraste entre os tipos 3 e 4 reforça esse diagnóstico. Entre os que avaliam negativamente a economia, mas positivamente a pandemia (tipo 3), observa-se uma divisão menos acentuada: 69% ainda avaliam o governo como “ótimo” ou “bom”, enquanto apenas 9,6% expressam reprovação severa (“ruim” ou “péssimo”). Já no tipo 4, no qual ambas as dimensões são avaliadas negativamente, predomina fortemente a desaprovação: 83% consideram o governo “ruim” ou “péssimo”. Em termos comparativos, mesmo quando a economia é mal avaliada, a aprovação do governo mantém-se relativamente elevada se a condução da pandemia for vista de forma positiva, ao passo que o efeito contrário não se sustenta. Esses resultados indicam que a gestão da crise sanitária constituiu um divisor central na avaliação presidencial.

Gráfico 4 - Tipologia de avaliadores e confiança nas eleições



Fonte: Elaboração própria através de dados do Estudo eleitoral Brasileiro, de 2022.

Referente à confiança nas eleições, o gráfico 4 revela um predomínio nos níveis extremos de resposta (alta e baixa) em todos os quatro tipos. Em particular, chamamos atenção aos tipos 1 e 4 que, em ascendência oposta, apresentam níveis menores de alta confiança e maiores de baixa confiança e o contrário, respectivamente. Padrão semelhante, ainda que em menor intensidade, é verificado nos tipos 3 e 2. Em outras palavras, 1 e 3 e, 2 e 4 se dividem em dois blocos e apresentam padrão semelhante com concentração de resposta nas extremidades.

Cada bloco têm em comum a percepção da atuação do governo Bolsonaro durante a pandemia, os dois primeiros (1 e 3) apresentando uma avaliação positiva e os dois últimos (2 e 4) uma avaliação negativa. Esse resultado revela que aqueles que avaliam positivamente a atuação da pandemia, tem baixa confiança nas eleições e aqueles que avaliam negativamente a atuação na pandemia, tem alta confiança nas eleições.

Tabela 2 - Tipologia de avaliadores e voto no segundo turno em 2022

	Jair Bolsonaro	Lula	Total
Tipos			
Pandemia + Economia +	518 (91%)	50 (8.8%)	568 (100%)
Pandemia - Economia +	68 (24%)	217 (76%)	285 (100%)
Pandemia + Economia -	89 (73%)	33 (27%)	122 (100%)
Pandemia - Economia -	38 (6.7%)	529 (93%)	567 (100%)
Total	713 (46%)	829 (54%)	1,542 (100%)

Fonte: Elaboração própria através de dados do Estudo eleitoral Brasileiro, de 2022.

Particularmente, os blocos encontrados na pergunta sobre confiança nas eleições se repetem. Os tipos 1 e 3, que avaliam positivamente a atuação do governo Bolsonaro na pandemia, votaram no ex-presidente. Já os tipos 2 e 4, que apresentam percepção negativa da atuação na pandemia, votaram em sua maioria no Lula. Em outras palavras, o entendimento do eleitor sobre a crise pandêmica exerceu influência sobre o voto da reeleição ou não.

4.2 Testes de qui-quadrado

As tabelas abaixo demonstram os cruzamentos entre as variáveis de interesse: avaliação do governo, percepção da economia e atuação do governo na pandemia.

Tabela 3 - Teste de independência entre as variáveis avaliação do governo e avaliação da atuação do governo Bolsonaro na pandemia (2022)

	Avaliação de governo						
	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Total	p-value ¹
Avaliação da atuação do governo na pandemia							<0.001
Ótimo	195 (76%)	59 (23%)	13 (4.8%)	0 (0%)	2 (0.8%)	269 (100%)	
Bom	115 (24%)	337 (71%)	74 (13%)	8 (1.7%)	15 (3.2%)	549 (100%)	
Ruim	11 (4.2%)	95 (36%)	76 (23%)	95 (36%)	60 (23%)	337 (100%)	
Péssimo	8 (1.1%)	38 (5.1%)	68 (8.3%)	129 (17%)	574 (77%)	817 (100%)	
Total	329 (19%)	529 (30%)	231 (12%)	232 (13%)	651 (37%)	1,972 (100%)	

¹Pearson's Chi-squared test

Fonte: Elaboração própria através de dados retirados da pesquisa Estudos Eleitorais Brasileiros, na rodada de 2022.

No que diz respeito aos teste de independência entre à avaliação geral do governo e a avaliação da atuação de Bolsonaro na pandemia em 2022 os resultados indicam uma relação estatisticamente significativa entre as variáveis ($p < 0,001$), demonstrando forte associação entre ambas as percepções. Observa-se que entre os indivíduos que avaliaram o governo como “ótimo”, 76% também consideraram “ótima” a atuação na pandemia, enquanto entre os que avaliaram o governo como “péssimo”, 77% classificaram da mesma forma a condução da crise sanitária.

Tabela 4 - Teste de independência entre as variáveis avaliação do governo e avaliação da situação econômica do país. (2022)

	Avaliação de governo						
	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Total	p-value ¹
Avaliação da situação econômica							<0.001
Muito melhor	169 (63%)	85 (32%)	10 (3.7%)	3 (1.1%)	1 (0.4%)	268 (100%)	
Pouco melhor	95 (20%)	223 (47%)	72 (15%)	31 (6.5%)	58 (12%)	479 (100%	
Igual	25 (7.6%)	95 (29%)	56 (17%)	57 (17%)	97 (29%)	330 (100%)	

Pouco pior	24 (6.6%)	76 (21%)	54 (15%)	68 (19%)	144 (39%)	366 (100%)
Muito pior	15 (3.0%)	46 (9.1%)	36 (7.1%)	64 (13%)	345 (68%)	506 (100%)
Total	328 (17%)	525 (27%)	228 (12%)	223 (11%)	645 (33%)	1,949 (100%)

¹Pearson's Chi-squared test

Fonte: Elaboração própria através de dados retirados da pesquisa Estudos Eleitorais Brasileiros, na rodada de 2022.

O mesmo ocorre com relação aos resultados entre a avaliação geral do governo e a avaliação da situação econômica, que revelam uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis ($p < 0,001$). Isso significa dizer que a percepção sobre o desempenho governamental está fortemente relacionada à avaliação do cenário econômico: daqueles que consideraram o governo “ótimo”, 63% avaliaram que a economia estava “muito melhor”, enquanto entre os que classificaram o governo como “péssimo”, 68% afirmaram que a situação econômica estava “muito pior”.

Tabela 5 - Teste de independência entre as variáveis avaliação da situação econômica do país e avaliação da atuação do governo Bolsonaro na pandemia (2022)

	Avaliação da atuação do governo na pandemia					<i>p-value</i> ¹
	<i>Ótimo</i>	<i>Bom</i>	<i>Ruim</i>	<i>Péssimo</i>	<i>Total</i>	
Avaliação da situação econômica						<0.001
Muito melhor	141 (53%)	108 (40%)	13 (4.9%)	6 (2.2%)	268 (100%)	
Pouco melhor	76 (16%)	223 (47%)	84 (18%)	96 (20%)	479 (100%)	
Igual	12 (3.6%)	103 (31%)	77 (23%)	137 (42%)	329 (100%)	
Pouco pior	25 (6.9%)	63 (17%)	96 (26%)	180 (49%)	364 (100%)	
Muito pior	14 (2.8%)	43 (8.5%)	59 (12%)	388 (77%)	504 (100%)	
Total	268 (14%)	540 (28%)	329 (17%)	807 (42%)	1,944 (100%)	

¹Pearson's Chi-squared test

Fonte: Elaboração própria através de dados retirados da pesquisa Estudos Eleitorais Brasileiros, na rodada de 2022.

A associação estatisticamente significativa permanece ($p < 0,001$) quando se tratam das variáveis de avaliação da situação econômica e a avaliação da atuação do governo Bolsonaro na

pandemia, sugerindo que as percepções sobre o desempenho econômico e sobre a gestão da pandemia foram fortemente interligadas. Entre os que consideraram a economia “muito melhor”, 53% avaliaram a atuação do governo na pandemia como “ótima” e 40% como “boa”, enquanto entre os que perceberam a economia como “muito pior”, 77% classificaram essa atuação como “péssima”.

De maneira geral, os testes de independência confirmam a existência de associações estatisticamente significativas ($p < 0,001$) entre todas as variáveis analisadas, revelando uma forte coerência entre as percepções dos eleitores sobre o governo Bolsonaro, sua atuação na pandemia e o desempenho econômico do país. A consistência dos resultados mostra que os indivíduos tendem a avaliar de forma congruente diferentes dimensões da ação governamental, de modo que avaliações positivas ou negativas em uma esfera — como a condução da pandemia — se refletem em outras, como a percepção da economia ou a aprovação geral do governo.

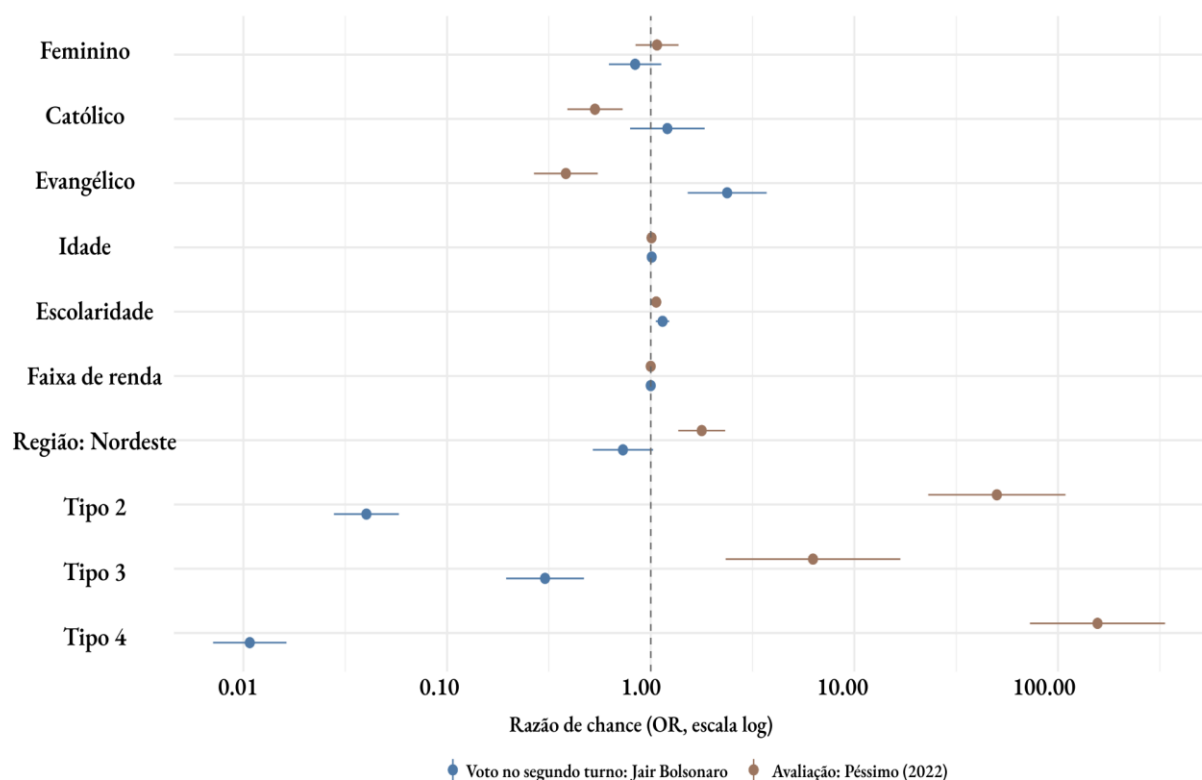
Esses resultados evidenciam a interdependência entre as variáveis selecionadas e reforçam a importância de um exame mais aprofundado. A seguir, procede-se ao teste estatístico dessas relações.

4.3 Modelos de regressão

Abaixo apresentam-se os testes estatísticos responsáveis por produzir inferências sobre os efeitos da pandemia na avaliação do governo e voto em Bolsonaro.

51

Gráfico 5 - Modelos de regressão logística: determinantes da avaliação negativa e do voto em Bolsonaro em 2022



Fonte: Elaboração própria através de dados do Estudo eleitoral Brasileiro, de 2022.

Tabela 6 - descritiva dos modelos de regressão logística representados no gráfico acima

Avaliação: Péssimo (2022)			Voto no segundo turno: Jair Bolsonaro	
<i>Predictors</i>	<i>Estimates</i>	<i>p</i>	<i>Estimates</i>	<i>p</i>
(Intercept)	0.01 ***	<0.001	1.40	0.464
Feminino	1.07	0.568	0.84	0.242
Católico	0.53 ***	<0.001	1.21	0.383
Evangélico	0.38 ***	<0.001	2.37 ***	<0.001
Idade	1.01 *	0.031	1.01 *	0.036
Escolaridade	1.06 *	0.040	1.14 ***	0.001
Renda familiar (em faixas)	1.00	0.876	1.00	0.962
Nordeste	1.78 ***	<0.001	0.73	0.071
Tipo 2	50.07 ***	<0.001	0.04 ***	<0.001
Tipo 3	6.26 ***	<0.001	0.30 ***	<0.001
Tipo 4	156.25 ***	<0.001	0.01 ***	<0.001
Observations	1978		1700	
R ² Tjur	0.380		0.564	

p*<0.05 *p*<0.01 ****p*<0.001**Fonte:** Elaboração própria através de dados do Estudo eleitoral Brasileiro, de 2022.

O primeiro modelo confirma a hipótese central deste estudo: eleitores que avaliam positivamente a economia, mas negativamente a gestão da pandemia (tipo 2), apresentam chances muito mais elevadas de reprovar o governo, evidenciando a influência da crise sanitária na percepção governamental. A variável dependente é a avaliação negativa de governo, e o modelo incorpora os tipos criados pela pesquisa. Destacam-se coeficientes positivos expressivos em comparação ao tipo 1 (referência), sobretudo nos perfis que refletem percepções negativas sobre a pandemia: tipo 2 (50.07; *p*<0.001), tipo 3 (6.26; *p*<0.001) e tipo 4 (156.25; *p*<0.001). Esse resultado reforça como a avaliação da crise sanitária se mostrou mais determinante do que a avaliação econômica. Entre as variáveis de controle, as afiliações religiosas seguem associadas a menor propensão a avaliações negativas, enquanto escolaridade (1.06; *p*=0.040) e idade (1.01; *p*=0.031) apresentam efeitos estatisticamente significativos, ainda que modestos.

O segundo modelo confirma como a gestão da pandemia foi mais determinante do que a da economia: eleitores que avaliam positivamente a economia, mas negativamente a gestão da pandemia (tipo 2), têm 96% menos chance de votar em Bolsonaro no segundo turno. A variável dependente é o

voto no ex-capitão no segundo turno, e, em comparação ao tipo 1 (referência, formado por avaliações positivas da economia e da pandemia), todos os demais apresentam coeficientes negativos, indicando menor propensão a apoiá-lo. Notadamente, o tipo 3 (0.30; $p < 0.001$), formado por aqueles que avaliam negativamente a economia e positivamente a pandemia, tem 69% menos chance de votar em Bolsonaro. Esse índice cai ainda mais entre os que avaliam negativamente a pandemia: tipo 2 (0.04; $p < 0.001$), com 96% menos chance, e tipo 4 (0.01; $p < 0.001$), com 99% menos chance de votar no ex-presidente. A respeito das demais variáveis, apenas ser evangélico (2.37; $p < 0.001$) e maior escolaridade (1.14; $p = 0.001$) tiveram significância estatística positiva, indicando que ser evangélico e pertencer aos níveis mais elevados de educação estão associados a uma maior probabilidade de votar em Bolsonaro.

De forma geral, os resultados dos modelos de regressão confirmam a centralidade da pandemia na avaliação do governo e no comportamento eleitoral em 2022. A percepção negativa sobre a gestão da crise sanitária exerceu impacto mais expressivo que a avaliação da economia, indicando um choque exógeno às dinâmicas já consolidadas. Além disso, a tipologia criada reforça esse diagnóstico ao demonstrar que, mesmo entre indivíduos que avaliaram positivamente a economia, a insatisfação com a condução da pandemia elevou significativamente as chances de avaliar negativamente o governo (tipo 2: 50,07***; tipo 4: 156,25***). No plano eleitoral, o efeito combinado da avaliação da pandemia e da economia mostrou-se decisivo para reduzir as chances de voto em Bolsonaro no segundo turno (tipo 3: -69%; tipo 2: -96%; tipo 4: -99%). Variáveis de controle, como religião (evangélicos: 2,37***) e escolaridade (1,14***) também revelaram relevância em diferentes modelos, mas em menor intensidade se comparadas ao peso da pandemia. Esses achados evidenciam que a crise sanitária não apenas afetou a popularidade presidencial, mas também reconfigurou o peso relativo de determinantes eleitorais tradicionais, como a economia, na decisão do voto.

53

5 Conclusão

Esse artigo apresentou em um primeiro momento como a literatura nacional estava tratando as questões referentes à avaliação do governo para assim analisar como dentro desse amplo debate sobre o tema, a pandemia da Covid-19 pode ou não ter exercido impacto no caso brasileiro. Com esse objetivo, discutiu-se na seção seguinte a crise pandêmica no governo Bolsonaro, no qual evidenciou os termos em que a literatura vem empregando sobre a atuação do ex-presidente e refletindo sobre o impacto dos seus comportamentos.

Em seguida, expõe-se a seção de dados e procedimentos, responsável por apresentar o objetivo geral, que seria analisar se a avaliação do governo Jair Bolsonaro foi impactada pela atuação do ex-presidente frente a pandemia da Covid-19; o banco de dados utilizado, apresentação das variáveis de interesse, construção da tipologia de avaliadores e modelos de regressão. Além de apresentar a estruturação da análise dos resultados.

A análise descritiva apresentou no que tange à avaliação do governo, números preponderantes da categoria “péssimo”, seguido da categoria “bom”. Quanto à avaliação da economia, verificou-se o

mesmo padrão, ainda que com maior distribuição entre as mesmas devido a inclusão da categoria regular. O mesmo ocorre com relação a avaliação da pandemia, com índice mais acentuado no extremo negativo. Já no que diz respeito à disposição da tipologia apresentada, observa-se, como esperado, uma concentração de entre aqueles que avaliam a economia e a pandemia da mesma maneira (tipo 1 e 4). Contudo, também encontrou-se os demais tipos de avaliadores (tipo 2 e 3).

Em relação ao perfil dos tipos apresentados, pode-se inferir que os debates sobre confiança nas eleições dividem opiniões entre aqueles que têm visão positiva e negativa sobre a pandemia e esse padrão se repete com relação ao voto. Especificamente, os que têm posições positivas sobre economia e pandemia apresentam percentuais menores de confiança nas eleições e maiores de voto em Bolsonaro. O inverso também é verdadeiro: aqueles que avaliam negativamente a economia e o combate à pandemia têm maiores chances de votar no Lula em 2022. Essa congruência também foi observada nos testes de independência que indicam associações estatisticamente significativas ($p < 0,001$) entre todas as variáveis analisadas, revelando uma forte coerência entre as percepções dos eleitores sobre o governo Bolsonaro, sua atuação na pandemia e o desempenho econômico do país.

A novidade do artigo consistiu em demonstrar os distintos impactos da avaliação da economia e do combate à pandemia, posto que são dois fenômenos correlacionados. Explorou-se os casos onde estas avaliações caminhavam em sentido distinto, ou seja, aprovação de uma dimensão e reprovação de outra, e vice-versa. Foi a construção de tipos que combinavam estas duas dimensões que permitiu analisar separadamente os impactos de cada qual. Por meio de modelos de regressão logística se pode concluir que a avaliação do combate à pandemia levou a mais prejuízos para a avaliação do governo e voto em Bolsonaro do que a avaliação da economia. Ou seja, a decisão do ex-Presidente Bolsonaro em não tomar as medidas sanitárias cabíveis sob o pretexto de preservar a economia acabou por ser a principal responsável pela derrota eleitoral.

Assim, o artigo contribui para o debate sobre os impactos da pandemia na política nacional, no caso específico sobre a avaliação do governo Bolsonaro e sua perda de apoio. Corroborando com a principal hipótese do texto de que a avaliação negativa da atuação do ex-presidente na pandemia impactou negativamente a avaliação do seu governo. Além disso, o estudo aponta caminhos para pesquisas futuras, seja para aprofundar a análise do impacto da avaliação negativa na derrota do pleito presidencial de 2022, seja para explorar metodologias que considerem a limitação de dados observacionais como a possibilidade de vieses políticos preexistentes na percepção da pandemia¹⁵, a exemplo de experimentos controlados.

¹⁵ Isso porque o próprio artigo demonstra que indivíduos com simpatia pelo ex-presidente tendem a interpretar informações sobre a gravidade da crise sanitária de maneira menos crítica, minimizando seus efeitos, enquanto eleitores de oposição podem superestimar os impactos negativos, criando assim um viés na avaliação do governo. Esse fenômeno evidencia que, mesmo tratando a pandemia como um choque exógeno, a percepção do público não é neutra e pode ser moldada por crenças políticas já estabelecidas, reforçando a necessidade de cautela ao inferir causalidade direta entre a atuação do governo e a avaliação popular. Tal argumento é consistente com estudos que demonstram a polarização política influenciando interpretações de dados objetivos, como taxas de contágio, mortalidade e medidas de contenção, indicando que o efeito observado sobre a avaliação do governo pode refletir, em parte, preconceitos cognitivos e filtros ideológicos dos cidadãos.

6 Referências

ALBUQUERQUE, J. A. G. **Eleições versus instituições ou por que os brasileiros não reelegeram Fernando Collor**. Eleições de 1994 no Brasil e na Alemanha, 1995.

ALMEIDA, J. **Como vota o brasileiro**. São Paulo: Casa Amarela, 1996.

AGOSTINE, C. 62% desaprovam atuação de Bolsonaro diante da pandemia. **Valor Econômico**, 26 jan. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/01/26/atlas-62percent-desaprovam-atuacao-de-bolsonaro-diante-da-pandemia.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2025.

AVRITZER, L; RENNO, L. The pandemic and the crisis of democracy in Brazil. **Journal of Politics in Latin America**, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1866802X211022362>. Acesso em: 20 out. 2025.

BAPTISTA, E. A. Corrupção política e avaliação de governo: o caso da Lava Jato. **Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 11, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/38307>. Acesso em: 20 out. 2025.

55

BORBA, F; CERVI, E. U. Relação entre propaganda, dinheiro e avaliação de governo no desempenho de candidatos em eleições majoritárias no Brasil. **Opinião Pública**, v. 23, p. 754–785, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/DCMnm3wMys5kD5LCcTSqzSF/>. Acesso em: 20 out. 2025.

CALIL, G. G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade**, v. 140, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/>. Acesso em: 20 out. 2025.

CARREIRÃO, Y. S. Avaliação do governo e “voto econômico”. **Lua Nova**, v. 48, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/kXXjwR8FQYkphtPr8KHNYhQ/>. Acesso em: 20 out. 2025.

CASTILHO, D. R; LEMOS, E. L. S. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. **Revista Katálisis**, v. 24, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/TyMKscqwjWfwpbScmWpwCvc/>. Acesso em: 20 out. 2025.

CHAGURI, M; AMARAL, O. The social bases of Bolsonaroism: an analysis of authoritarianism as politics. **Latin American Perspectives**, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0094582X231152245>. Acesso em: 20 out. 2025.

DOWNS, A. An economic theory of political action in a democracy. **Journal of Political Economy**, v. 65, n. 2, p. 135–150, abr. 1957.

Eseb. **Estudo Eleitoral Brasileiro Centro de Estudos de Opinião Pública** – Cesop/Unicamp. Disponível em: <https://www.cesop.unicamp.br/por/eseb/ondas/18>. Acesso em: 20 out. 2025.

FIGUEIREDO, R. Opinião pública, intencionalidade e voto. **Opinião Pública**, v. 2, n. 2, p. 117–134, 1994.

KINZO, M. A. **A eleição presidencial de 1994 no Brasil**: Fernando Henrique Cardoso e o Plano Real. América Latina: o desafio da democracia nos anos 90, 1996.

LAVAREDA, A. Governos, partidos e eleições segundo a opinião pública: o Brasil de 1989 comparado ao de 1964. **Dados**, v. 32, n. 3, p. 341–362, 1989.

MATOS, M. C. O neofascismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos de pandemia da Covid-19. **Humanidades & Inovação**, v. 8, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5340>. Acesso em: 20 out. 2025.

MENDES, Á; CARNUT, L; MELO, M. Continuum de desmontes da saúde pública na crise da Covid-19: o neofascismo de Bolsonaro. **Saúde e Sociedade**, v. 32, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/4nFqGgLQ5wL5wHGjtJfntNS/>. Acesso em: 20 out. 2025.

MENDES, A. M. T; VENTURI, G. Eleição presidencial: o Plano Real na sucessão de Itamar Franco. **Opinião Pública**, v. 2, n. 2, p. 59–72, 1994.

MENEGUELLO, R. **Electoral behaviour in Brazil**: the 1994 presidential elections. 1995.

MORAES, A. S; SILVA, D. P. A pandemia nas lives semanais: o uso de atenuadores na retórica anticrise de Jair Bolsonaro. **Topoi: Revista de História**, vol. 48: 740-762, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356947388_A_pandemia_nas_lives_semanais_o_uso_d_e_atenuadores_na_retorica_anticrise_de_Jair_Bolsonaro. Acesso em: 20 out. 2025.

MORAES, D; MOISÉS, J. A. Cultura democrática em meio à pandemia de coronavírus no Brasil: um olhar longitudinal. **Revista Debates**, 2022. 16(3), p. 96–117. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/126784>. Acesso em: 20 out. 2025.

MUNIZ, B; FONSECA, B; PINA, R. Em duas semanas, número de negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior no Brasil. **Agência Pública**, 2020. Disponível em:

<https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/>. Acesso em: 20 out. 2025.

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**.

Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ORO, A. P; ALVES, D. Jair Bolsonaro, líderes evangélicos negacionistas e a politização da pandemia do novo coronavírus no Brasil. **Sociedad y Religión: Sociología, Antropología e Historia de la Religión en el Cono Sur**, vol. 30, n. 54, 2020, may-sep, p. 121-147. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas Buenos Aires, Argentina 2020. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/3872/387266471006/>. Acesso em: 20 out. 2025.

PEIXOTO, V. M; LEAL, J. G. R. P; MARQUES, L. M. The impact of Bolsonarismo on COVID-19 vaccination coverage in Brazilian municipalities. **Saúde em Debate**, v. 47, p. 806–817, 2023.

Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2023.v47n139/806-817/en/>. Acesso em: 20 out. 2025.

PEREIRA, F. B. Voto econômico retrospectivo e sofisticação política na eleição presidencial de 2002. **Revista de Sociologia e Política**, v. 22, p. 149–174, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/TXFbBNBKsJnnydcXQbFmMdN/>. Acesso em: 20 out. 2025.

POWELL JR, G. B; WHITTEN, G. D. A cross-national analysis of economic voting: taking account of the political context. **American Journal of Political Science**, vol. 37, N. 2 (May, 1993), p. 391-414, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2111378>. Acesso em: 20 out. 2025.

RENNÓ, L; AVRITZER, L; CARVALHO, P. D. Entrenching right-wing populism under COVID-19: denialism, social mobility, and government evaluation in Brazil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, vol. 36. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/wBZ7ZbgxdGRq8R8spYmP3SQ/>. Acesso em: 20 out. 2025.

RENNÓ, L. Bolsonarismo e as eleições de 2022. **Estudos Avançados**, v. 36, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/7ydPPygGTwLsR5xSN3RZ5HP/>. Acesso em: 20 out. 2025.

SANDES-FREITAS, V. E; ALMEIDA, H. N; SILAME, T. R. Combate à pandemia de COVID-19 e sucesso eleitoral nas capitais brasileiras em 2020. **Revista Brasileira de Ciência Política**, 2021.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/QgDgXcmqjjNDWfXXNQR6TYm/>. Acesso em: 20 out. 2025.

SINGER, A. V. **Identificação ideológica e voto no Brasil: o caso das eleições presidenciais de 1989 e 1994**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1998.

STROM, K; LIPSET, S. Macroeconomics and macropolitics: the electoral performance of democratic governments. **Anais da American Political Science Association**, Washington, DC, 1984.

VEIGA, L. F; ROSS, S. D. Os determinantes da avaliação da economia na eleição presidencial brasileira em 2014. **Opinião Pública**, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/jzQf8sxPjH44kqg3yppC4Bp/>. Acesso em: 20 out. 2025.

VEIGA, L. F; ROSS, S. D; MARTINS, F. B. Os efeitos da economia e da Operação Lava-Jato na popularidade da Presidente Dilma Rousseff no período pré-impeachment. **Revista de Sociologia e Política**, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/3VySxprdhHJMyHmbNj7tgFt/>. Acesso em: 20 out. 2025.

Covid-19 pandemic: an exogenous shock in the 2022 electoral cycle

ABSTRACT: Bolsonaro resorted to economic arguments to minimize the effects of the pandemic. However, two years later, with low popularity and on the eve of the second round, the former president admitted regret. Faced with the loss of support and the weight of economic performance on his chances of reelection, this study analyzes how Covid-19 impacted support for Bolsonaro in the 2022 elections. The empirical material is the ESEB (Brazilian Electoral Study), focusing on three variables: evaluation of the government, the economy, and the pandemic. A typology is developed that combines assessments of the economy and the fight against the pandemic to infer their effects on the evaluation of the government and the vote in the second round. The results indicate that the perception of the health crisis was more decisive than the economic crisis, negatively influencing both the evaluation of the government and the voter's decision not to vote for the former captain.

KEYWORDS: 2022 Election; Covid-19 Pandemic; Government Assessment.

Pandemia de Covid-19: un shock exógeno en el ciclo electoral 2022

59

RESUMEN: Bolsonaro recurrió al argumento económico para minimizar los efectos de la pandemia. Sin embargo, dos años después, con baja popularidad y en vísperas de la segunda vuelta, el expresidente admitió su arrepentimiento. Ante la pérdida de apoyo y el peso del desempeño económico sobre sus posibilidades de reelección, este estudio analiza cómo la COVID-19 ha afectado al apoyo a Bolsonaro en las elecciones de 2022. El material empírico es el ESEB (Estudio Electoral Brasileño), que se centra en tres variables: la evaluación del gobierno, la economía y la pandemia. Se desarrolla una tipología que combina las evaluaciones de la economía y la lucha contra la pandemia, para inferir sus efectos sobre la evaluación del gobierno y el voto en la segunda vuelta. Los resultados indican que la percepción de la crisis sanitaria fue más determinante que la económica, influyendo negativamente tanto en la evaluación del gobierno como en la decisión del votante de no votar al ex capitán.

PALABRAS CLAVE: Elecciones 2022; Pandemia de Covid-19; Evaluación del Gobierno.